

# CONSUMAÇÃO

Ao António Osório

Na serena humildade que não é  
modéstia, nem tão-pouco desistência  
dos outros e de ti (nem mesmo quando  
és ilha intransponível), na serena  
humildade vais dando ao teu arado  
a exacta noção de recolher  
desde dentro da terra uma raiz,  
um tubérculo, um bolbo, um simples veio  
de adiada

frescura.

Pouco sabes de ti, salvo que és vida,  
salvo que as tuas mãos são colectivas  
e ardem, nas demais, no mesmo lento  
crepitar de searas imaturas.

Pouco sabes de ti, salvo que teces  
(Penélope?) no linho milagroso,  
em amorosa dádiva, o futuro,  
e que não te amedronta a consciência  
da noite

próxima.

És apenas estrume que circula.  
Tu sabes: a pequena gota negra  
que os jazigos contêm, combustível.

Mamute extinto e seiva de sequoia  
confundem-se contigo. És húmus. Cinza.  
Mas também a semente prometida.  
A serena humildade que transforma.  
Ternura que vincula

— e acrescenta.